

Vidal Bolaño no Teatro Nacional D. Maria II

Por vez primeira uma obra dun autor em galego e de um escritor galego integra a programação oficial do grande cenário do teatro português.

A programação primaveril do Teatro Nacional D. Maria II, de Lisboa, inclui entre as estreias mais salientáveis de 2015, o espetáculo *Sax Tenor*, baseado na obra, quase homónima, de Roberto Vidal Bolaño. Estará em cartaz do 7 ao 24 de maio, sob a direção do dramaturgo português, José Martins, um velho conhecido do público teatral galego por ter participado nas peças também bolañianas, *A burla do galo* ou *Mar revolto*, como ator e diretor, respetivamente. Obedece a iniciativa ao fluente intercâmbio que, desde o ano 2013, tem havido entre o teatro galego e o português. Ganha, no entanto, especial significância, por ser a primeira vez que uma obra em galego, e de um escritor galego, sobe ao palco do D. Maria II.

Não podia ser, portanto, mais oportuna a escolha de Vidal Bolaño para que este diálogo teatral ecoasse em Lisboa. Honrado já em 2013 no *Dia das Letras*, Vidal Bolaño (Compostela 1950-2002) foi um homem de e para o teatro, um cómico, como gostava de parecer e aparecer, um agitador social e cultural. Um compostelano que exerceu como tal, com tendência a certa melancolia existencial, cuja pegada bem se pode apreciar na obra referida. Uma glória teatral, por vezes esquiva, que a brilhante trajetória dramática e o justo reconhecimento póstumo parecem vingar.

A eleição de Vidal Bolaño para comemorar o meio século de vida da efeméride das letras galaicas foi, de facto, um reconhecimento ao contributo para a consolidação da cultura galega, desde os estertores da ditadura até aos albos do presente século. Por razões geracionais, a sua figura não encaixava no perfil dos que tinham sido até aquele momento homenageados pela Real Academia Galega. Nesse período, a lista dos escolmados incluiu, em grande medida, as figuras mais consagradas pela historiografia literária galega: dos escritores do *Rexurdimento* aos renovadores da narrativa do pós-guerra, passando pela *Xeración Nós*. Também se desviava de muitos dos homenageados anteriormente, porque não estamos simplesmente perante um autor ao uso, já que Vidal Bolaño não só cultivou a escrita dramática, mas também foi um homem de uma extensa atividade cultural, vinculada a quase todos os campos profissionais das artes cénicas, como direção, atuação e produção. O reconhecimento desse amplo desempenho põe em relevo que, se a literatura cumpriu tradicionalmente o papel de eixo central da atividade cultural galega e de referente identitário, esta referencialidade, como atividade aglutinante, está a ser ampliada a outras expressões artísticas e criativas, como a música ou as artes cénicas, que partilham a hegemonia tradicionalmente ocupada pela literatura.

Consequentemente, é no contexto das artes cénicas onde a figura de Roberto Vidal Bolaño adquire uma dimensão notória. Porque, com ser, como já foi dito, um homem de teatro na sua essência, manifesta uma condição polifacética que, do teatro ao cinema, passando pela televisão, fez com que atingisse todas as facetas que a indústria cénica e audiovisual procura: dramaturgo,



roteirista, ator, dobrador, diretor, produtor e empresário. Esta trajetória de longo alcance é, além do mais, indissociável do processo de abertura cultural originado no pós-franquismo e que se consolida no período democrático, com especial energia e emergência na década dos oitenta. Vidal Bolaño integra-se no que se denominou como *Xeración Abrente*, já que era um dos dramaturgos que se iniciaram como tal no Festival de Teatro de Ribadavia, que, de 1973 a 1980, organizou a associação cultural Abrente,

que supôs o ponto de partida da dramaturgia galega que viria a se desenvolver mais tarde. Até esse período, o teatro galego caracterizava-se pela descontinuidade e pela dispersão, mas a atividade teatral do dramaturgo compostelano, assim como a de Manuel Lourenzo, Euloxio Ruibal ou Manuel Guede vai inverter esta situação e abrir um caminho que vai dar lugar ao teatro profissional na Galiza, inexistente até aquele momento.

A CRIAÇÃO DUMA INDÚSTRIA TEATRAL PRÓPRIA

Portanto, o teatro que se produz nesse período está muito vinculado ao certame de Ribadavia e ao salto que aos poucos vai surgindo pelo aparecimento de novos dramaturgos, a criação de companhias de teatro independente, para, mais tarde, converterem-se em profissionais, constituindo uma indústria teatral própria. É o caso, entre outras, da companhia *Teatro do Antroido*, mais tarde convertida em Teatro do Aquí, criada em 1974 por Vidal Bolaño. Este con-

<<Vidal Bolaño foi um homem de e para o teatro, um cómico, como gostava de parecer e aparecer, um agitador social e cultural>>

texto de efervescência cultural, a partir dos 80, vai contar com o apoio institucional e, em paralelo, -aliás, seguindo esta estela- surgem as companhias públicas que vão contribuir a assentar as indústrias criativas. De modo muito singular, o *Centro Dramático Galego* (CDG), em 1984, ao qual a figura que glosamos estará muito ligada (o CDG praticamente vai estreiar-se com *Agasallo de sombras*, escrita e dirigida por Vidal Bolaño), e, em 1985, a *Compañía de Radio Televisión de Galicia* (CRTVG), que estimulará a escassa iniciativa cinematográfica e audiovisual em galego e acolherá um amplo leque de séries televisivas de criação autóctone. É preciso referir esta interseção entre teatro e cinema -ou televisão-, porque a dramaturgia de Vidal Bolaño incorpora frequentemente à escrita teatral empréstimos do cinema ou da televisão. E também porque o polifacético percurso antes referido significa-se pelo ativo papel que Vidal Bolaño desempenhou no audiovisual galego. Por exemplo, interpretando o professor Don Xosé Luis, em *Sempre Xónxa*, filme que ficará na memória coletiva por



ter sido a primeira longa-metragem em galego, estreada também neste ano de 1985. Ou, inclusive, a sua atuação em *Mareas vivas*, uma das séries mais célebres da televisão galega, além do seu labor como dobrador ao galego de filmes e séries de televisão americanas.

Regressamos ao teatro. Esta foi a atividade à qual se dedicou criativa e profissionalmente com mais intensidade, desde que em 1978 foi despedido do banco em que trabalhava, tornando-se uma figura central na história da literatura dramática galega. Sem renunciar ao cenário galego que impregnou toda a sua obra, incorporou o magistério dos grandes do teatro universal (Ionescu, Becket e Valle-Inclán) e conseguiu integrar nos códigos teatrais linguagens que provinham do cinema, nomeadamente de diretores como John Ford ou John Huston, como se aprecia nas reminiscências que *Días sen gloria* -a sua peça mais laureada e representada- guarda com o *western* ou com o filme *The African Queen*, a partir duma trama peregrina, absurda e grotesca, que obedece aos referentes dramáticos mencionados.

Esta integração de modernidade e tradição, sem renunciar jamais ao universo galego -cénico e conceitual- caracterizou a sua escrita. Os primeiros textos, *Laudamuco, señor de ningures* e *Ledañas pola morte do meco* (1977), apresentam unha explícita preocupação pela situação política e social da Galiza no pós-franquismo. Estreadas ambas obras na Mostra de Teatro de Ribadavia (a primeira seria premiada na 4ª edição, de 1976), que nasceu associada a uma evidente vontade reivindicativa a partir do teatro, os textos mostram esta sintonia sociopolítica com o certame. Ambas as obras estão vinculadas ao discurso nacionalista e antiburguês que se articula nos primeiros anos da democracia. A forte dimensão simbólica e alegórica denuncia as tensões opressor-oprimido, tanto em termos territoriais -o povo galego- como sociais (exploradores-explorados). E ambas apontam aspetos que nunca abandonará na sua escrita dramática: o absurdo e o grotesco.

TEATRO DA RESISTÊNCIA

Bailadela da morte ditosa (1980), também premiada em Ribadavia na edição desse ano, apresenta uma certa transição que se irá consolidar na obra mais recente. Sem perder o carácter de reivindicação política, aparecem as personagens que habitam a marginalidade e as esferas esquecidas



pelo poder, como vai referendar posteriormente em *Saxo Tenor*. Portanto, o idealismo e alegoria política refletidos nas duas obras precedentes, tornam-se agora num teatro da resistência que representa os conflitos sociais e culturais subjacentes às sociedades contemporâneas. Por exemplo, em *Cochos* (1988), onde leva ao cenário a posição degradada dum emigrante galego na Alemanha, enfatizando a crítica aos grandes discursos dos média e evidenciando os filtros sociais que silenciam verdades incómodas.

Este período inicial vai dar lugar às obras de maior reconhecimento institucional (prémios, publicações) e cénico (representações, nomeadamente no CDG), que o situam no canon dramático galego. É o caso desta obra, *Saxo Tenor*, cujo texto recebe, em 1991, o Prémio Álvaro Cunqueiro, em 1992, é estreada e, em 1993, publicada. Nesta obra aparece já a personagem coletiva -frequentemente de condição marginal e grotesca- e, com empréstimos do género policial, vai abordar, a partir dum feito episódico -a morte dum rapaz

no bairro-, aspetos mais globais que mostram os mecanismos abjetos das relações sociais. Mas é com *Días sen gloria* (1992) que se consagra além das fronteiras galaicas, já que obtém nesse ano o *Premio Rafael Dieste* e, em 1993, fica como finalista do *Premio Nacional de Literatura Dramática*, de carácter estatal. Em *Días sen gloria* aborda a temática do Caminho de Santiago, com uma trama onde abundam pícaros, prostitutas e mendigos. Homenagem evidente ao Valle-Inclán de *Romance de lobos* ou *Divinas palabras*, recolhe o absurdo de *Esperando a Godot*, por não falar dos empréstimos com os filmes americanos antes mencionados. Uma prostituta que se quer vingar de quem a deixou grávida e fugiu sem pagar os serviços, um velhote bêbedo -sem nome- que ganha a vida fazendo o Caminho -ainda que desta vez aguarda um milagre do Apóstolo para que ressuscite a dona morta- percorrem um caminho ateuado de personagens da periferia social e que termina com uma *luta baixo sole* e uma morte de heroísmo grotesco, banhado pelas ondas do mar finisterraico.

Seguirá ainda Vidal Bolaño a senda da temática compostelana com a obra *Actas escuras* (1998), que será o Prémio do *Concurso de Obras Teatrais Inéditas "Camiño de Santiago"*. No texto, ambientado na tradicional disputa ciência-religião do século XIX, aborda-se a investigação sobre os restos do Apóstolo Santiago. A peça foi representada, como homenagem póstuma ao autor, em 2010, pelo Centro Dramático Galego.

Portanto, a temática compostelana e a viagem como símbolo fecham, como círculo simbólico, o percurso teatral deste escritor e conformam um espelho simétrico deste criador de comédias, nato e morto em Compostela, cujo reconhecimento evidencia o seu lugar como uma das figuras centrais da história da literatura dramática em galego. A projeção exterior da sua obra, como de certeza poderá comprovar o público do D. Maria II, põe de relevo a justa glória cénica do dramaturgo, do cómico, do homem de teatro. ☺

Este artigo foi publicado, numa primeira versão, no *Diário do Minho*, no dia 15 de maio de 2013, com motivo do Dia das Letras desse mesmo ano.

Xaquín Núñez Sabaris. Profesor asociado do Departamento de Estudos Románicos da Universidade do Minho

SERMOS GALIZA, S.A.

O Consello de Administración da Entidade Sermos Galiza, S.A., acordou convocar Xunta Xeral de Accionistas que se celebrará con data 20 de xuño de 2015, ás 11:00 horas, en primeira convocatoria e, 11:30 horas, en segunda, n'A Nave de Vidán (avenida da Mestra Victoria Míguez, 44, 15706 Santiago de Compostela) coa seguinte Orde do día:

- Primeiro.- Aprobación, se proceder, do informe de xestión e do resultado orzamentario do exercicio 2013-2014.
 - Segundo.- Elección do Novo Consello de Administración.
 - Terceiro.- Aprobación, se proceder, da ampliación do capital social da empresa.
 - Cuarto.- Varios: rogos e preguntas.
- Santiago de Compostela, 29 de abril de 2015.- O Presidente do Consello de Administración.